

Parte terceira – Das Leis Morais

Capítulo II – Lei de adoração

Item 3. Vida Contemplativa

657. Têm, perante Deus, algum mérito os que se consagram à vida contemplativa, uma vez que nenhum mal faz e só em Deus pensam?

R. “Não, porquanto, se é certo que não fazem o mal, também o é que não fazem o bem e são inúteis. Demais, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não quer que só nele pense, pois que lhe impôs deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à Humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito.” (640).

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0657).

Livro 13

Capítulo 657 – Contemplação

0657 / LE

A vida contemplativa é um estágio da alma que procura algo de real para a sua solidificação espiritual. O “nada se perde” pode ser usado em tudo. À primeira vista, nos parece que a contemplação de nada serve; evidentemente não serve para nós, mas prepara quem está sem rumo para um trabalho no futuro, de grande valia.

Nunca devemos incentivar a vida contemplativa, pois é semente de difícil germinação, todavia, quem precisa dela na espontaneidade de suas decisões, que o faça, e que Deus abençoe o seu gesto no preparo para a vida maior. Diante deste assunto, vamos repetir a resposta à pergunta de número quinhentos e trinta e seis, quando os Espíritos benfeitores assim respondem:

Tudo tem uma razão de ser, e nada acontece sem a permissão de Deus.

Quem tem uma vida contemplativa, o que nos dias atuais já não ocorre muito, desejou tê-la. O desejo é uma prece, e Deus permitiu, conforme nos relata “O Livro dos Espíritos”.

Sabemos que o homem ignorante é fácil de entrar nas linhas do fanatismo; da adoração pela vida reta, ele passa para a contemplação, que é vida inerte, contudo, Deus aproveita tudo para a iluminação das criaturas. É, repetimos o nada se perde.

Houve uma época em que, no velho Oriente, se encontrava multidão, de pessoas em estado de contemplação, com a ideia fixa de entrar no Todo, em busca da felicidade, e Jesus veio salvar essas criaturas, colocando-as em movimento, porque o próprio Deus que eles adoravam somente pelo pensamento, trabalha constantemente. Se Ele parar por uma fração de segundo, toda a criação se desnorteia em seus destinos.

Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido. (Mateus, 18:11)

Jesus não ficou se demorando em contemplações improfícuas para Ele, mas apenas orava em curtos minutos, pedindo ao Pai forças novas para as Suas grandes realizações. E ensinou, igualmente, aos Seus discípulos a se movimentarem permanentemente. O Espírito, quando chega a um grau de despertar, não deve parar, porque seus poderes desenvolvidos, quanto mais circularem em serviço de Deus, mais crescem em Cristo.

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.

Precisamos anotar na mente que aquele que para de fazer o mal, por vezes fica algum tempo sem fazer o bem, para ir gradativamente se acostumando com a ideia de luz do bem coletivo. As mudanças bruscas não podem acontecer. Vê que Jesus, na Sua jornada de luz, do Céu para a Terra, o quanto tempo demorou, e mesmo quando estava na Terra, silenciou dos treze aos trinta anos, esperando a hora certa que o Pai determinaria para a Sua ação junto ao Seu rebanho!

É justo que quem passa a vida toda em estado de contemplação nada faz de meritório para os outros, mas não podemos esquecer que ele faz para si mesmo, algo que o prepara para o benefício coletivo no futuro. Ninguém nasce perfeitamente despertado para a Luz; esse despertar custa-lhe tempo, espaço e boa vontade. Os grandes ensinamentos sempre vibraram na Terra, porque Deus nada esquece; mas somente os que têm maturidade os aceitam e vivem no dia-a-dia.

Não conhecemos Espírito algum, já livre de todo o mal, iluminado, que não tenha passado pelos mesmos trilhos de despertar, pelos mesmos processos de elevação que estão destinados a todos. A luz da alma é a soma de muitas vestes físicas, que a lei de amor determina na mais alta expressão de carinho.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XIII, Cap. 657 – Contemplação.

– questão 0657, (João Nunes Maia)).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.